

CAPÍTULO 4

TRAUMA, LUTO, ELABORAÇÃO E O SURGIMENTO DA MEMÓRIA: A NECESSIDADE DAS NARRATIVAS DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA CONJUGAL COMO FORMA DE SUPERAR A DOR

Data de Submissão: 05/07/2024

Data de aceite: 02/09/2024

Fadja Mariana Fróes Rodrigues

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA
<http://lattes.cnpq.br/6943271270309942>

Tânia Rocha de Andrade Cunha

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA
<http://lattes.cnpq.br/6284972449208137>

TRAUMA, MOURNING, ELABORATION AND THE EMERGENCE OF MEMORY: THE NEED FOR THE NARRATIVES OF WOMEN VICTIMS OF CONJUGAL VIOLENCE AS A WAY OF OVERCOMING PAIN

RESUMO: O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, de procedimento bibliográfico, que busca compreender como as narrativas das mulheres vítimas de violência são um importante meio para superar os traumas e as dores decorrentes das violências perpetradas contra elas. Tal análise será realizada a partir das construções teóricas de Freud (1856-1939) a respeito do luto, trauma, ab-reação e elaboração. A partir da análise das categorias elencadas, será verificado como o processo de narrativas possibilita a resignificação dos traumas oriundos das violências, trazendo à memória as dores silenciadas e indizíveis que, após um longo e doloroso trabalho de luto e de elaboração do passado, transformam as memórias traumáticas em memórias livres.

Palavras-chave: Trauma. Luto. Elaboração. Memória. Violência Conjugal.

ABSTRACT: The present study is qualitative research, using a bibliographic procedure, which seeks to understand how the narratives of women victims of violence are an important means of overcoming the trauma and pain resulting from violence perpetrated against them. This analysis will be carried out based on Freud's (1856-1939) theoretical constructions regarding mourning, trauma, abreaction and elaboration. From the analysis of the categories listed, it will be verified how the narrative process enables the re-signification of traumas arising from violence, bringing to memory the silenced and unspeakable pains that, after a long and painful work of mourning and elaboration of the past, transform the traumatic memories into free memories.

KEYWORDS: Trauma. Grief. Elaboration. Memory. Marital Violence.

INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres, desde os primórdios, se faz presente na sociedade. Trata-se de uma das formas mais cruéis de manifestação da presença do patriarcado e da superioridade masculina. Em decorrência disso, todos os dias, muitas mulheres são vítimas dos mais diversos tipos de violência: sexual, física, psicológica, entre outras, que promovem inúmeros traumas, não só de ordem física (entendido como lesões ou feridas causadas sobre o corpo físico da mulher), mas também traumas de cunho psíquico que, consoante as formulações de Freud (1856 – 1939), ocasionam o rompimento da conexão que deveria promover a reprodução, o surgimento da memória, destruindo o sentido, a significação, a simbolização, impossibilitando a narração.

De acordo com Cunha (2007), as mulheres, historicamente, sempre foram o principal alvo da violência perpetrada pelos homens e isso ocorre porque a sociedade legitima o poder masculino, bem como porque o homem possui a necessidade de afirmar-se como o sexo forte, poderoso.

Nesta breve exposição, discutiremos, principalmente à luz dos postulados freudianos, como o processo de luto e a elaboração das memórias traumáticas pode contribuir para a superação dos traumas originados da violência, valendo-se, inclusive das narrativas, e permitir que mulheres possam, a partir destas, ressignificar suas dores, apropriarem-se de suas memórias e reconciliarem-se com o passado.

Deste modo, o presente estudo tem como objetivo compreender como as narrativas das mulheres vítimas de violência, é um importante meio para superar os traumas e as dores decorrentes das violências perpetradas contra elas. Para tanto, definimos como objetivos específicos: a) analisar os traumas desenvolvidos por mulheres vítimas de violência e como esses afetam o desenvolvimento das suas vidas; b) compreender como o processo de luto, feito por meio do processo de elaboração dos traumas vivenciados, possibilita a superação deste e o recomeço da vida; c) avaliar como a (re)construção do passado, por meio do testemunho e das narrativas, permite a ressignificação dos traumas, possibilita a superação das perdas e a reconciliação com as memórias decorrentes da violência.

Para aprofundarmos no estudo proposto, utilizamo-nos da abordagem qualitativa com uma proposta metodológica de pesquisa de natureza básica e exploratória quanto aos objetivos. O trabalho foi executado a partir de um levantamento bibliográfico sobre a temática, envolvendo construções teóricas acerca das categorias trabalhadas e posteriormente analisado de forma exploratória e crítica.

A partir da análise bibliográfica, promovemos considerações acerca dos objetivos pretendidos nesta pesquisa, possibilitando a reflexão sobre o tema abordado e ampliando as discussões a respeito da importância das narrativas das mulheres vítimas de violência, especialmente a ocorrida na conjugalidade, como forma de superação das dores e marcas deixadas pelas agressões sofridas.

O AMOR DÓI? O TRAUMA DECORRENTE DAS VIOLÊNCIAS PERPETRADAS NA CONJUGALIDADE E A PERLABORAÇÃO COMO FORMA DE SUPERAÇÃO

Comumente mulheres vítimas de violência, especialmente a ocorrida no seio da conjugalidade, costumam desenvolver traumas que afetam o desenvolvimento de suas vidas, haja vista as situações de agressão a que são submetidas cotidianamente. Diante de tais situações, em um primeiro momento, o que se deseja é esquecer, silenciar, afastar-se de tudo e de todos que possam trazer à memória qualquer espécie de lembrança das violências e das dores deixadas no corpo e no psiquismo que, a princípio, parecem impossíveis de superação. No momento das violências vivenciadas, essas mulheres não conseguem ab-reagir. De acordo com o Vocabulário da Psicanálise, Laplanche e Pontalis (1991, p. 1):

A noção de ab-reação não pode ser compreendida sem nos referirmos à teoria de Freud sobre a gênese do sintoma histérico, tal como ele a expôs em Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos (*Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene*, 1893) (1a, a). A persistência do afeto que se liga a uma recordação depende de diversos fatores, e o mais importante deles está ligado ao modo como o sujeito reagiu a um determinado acontecimento. Esta reação pode ser constituída por reflexos voluntários ou involuntários, pode ir das lágrimas à vingança. Se tal reação for suficientemente importante, grande parte do afeto ligado ao acontecimento desaparecerá. Se essa reação for reprimida (*unterdrückt*), o afeto se conservará ligado à recordação. A ab-reação é assim o caminho normal que permite ao sujeito reagir a um acontecimento e evitar que ele conserve um quantum de afeto demasiado importante. No entanto, é preciso que essa reação seja "adequada" para que possa ter um efeito catártico.

Ao não haver ab-reação, provoca-se uma incapacidade para assimilar a experiência vivida, o que promove uma dissociação da realidade, impossibilitando-as de atribuir significados às ocorrências passadas. Assim, diante do trauma, o passado não pode ser esquecido e nem lembrado. Ao analisar o conceito de trauma desenvolvido por Freud (1975), Rosa (2008, p. 291) afirma:

O conceito de trauma tem sido empregado para descrever uma lesão, um rompimento, uma ruptura da memória face ao terror causado por certos eventos. Com as formulações de Sigmund Freud e da psicanálise, a ideia de trauma adquiriu especificidade. Freud (1975a, p. 168) denominou tal estado de lesão da memória, em face às atrocidades que colocam a vida em risco, que rompem com o "escudo protetor", com as barreiras protetoras da consciência, de "neurose traumática" ("traumatische Neurose"). No trauma, o essencial da recordação é reprimido. Quem padece do trauma não recorda, não reinterpreta ou traduz nexos e lógicas. Desse modo, a vítima do trauma é levada – por impulso, coerção ("Zwang"), sob condições de resistência (FREUD, 1975b, p. 211) – à repetição desta repressão "como vivência atual", ao invés de pretérita (FREUD, 1975a, p. 228).

O trauma oriundo de uma violência, especialmente no âmbito da conjugalidade, rompe a “conexão que deveria promover a reprodução, o ressurgimento na memória” (FREUD, 1969, p.281). O trauma promove a destruição dos sentidos a significação e a simbolização, promovendo o silêncio e impossibilitando a narração. “Nesse sentido, com o trauma surge um certo entorpecimento, uma certa apatia, uma insensibilidade, como se o “recipiente para o sofrimento” se tornasse, inadequado para o impacto de sua natureza e proporção” (ROSA, 2008, p. 291).

No entanto, passado o momento inicial de paralisia e silenciamento, necessário se faz experimentar a violência causadora do trauma e conduzi-la à consciência por meio do luto. De acordo com Freud (1915), o luto é uma reação à perda, consistindo em um fenômeno mental natural que se apresenta de forma constante durante o desenvolvimento humano.

No luto, nada existe de inconsciente a respeito da perda, sabendo o enlutado o que perdeu. Constitui-se, portanto, como um processo natural instalado para a elaboração da perda, que após algum tempo pode ser superado. Como processo lento e doloroso, o luto tem como características uma tristeza profunda, o afastamento de atividades antes tidas como prazerosas, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição de um novo objeto de amor (Freud, 1915).

Tomando como base os postulados de Ricoeur (2007), é por meio desse “trabalho de luto” que essas mulheres passam a ter consciência da perda e renuncia-se a ela. Apesar de envolver sofrimento, o luto possibilita a superação do trauma e o recomeço da vida. Nos dizeres do filósofo “é enquanto trabalho da lembrança que o trabalho de luto se revela custosamente, mas também reciprocamente, libertador” (Ricoeur, 2007, pág. 86).

É por meio da experiência do luto e da sua elaboração que essas mulheres passam a ter consciência da perda e renuncia-se a ela. Apesar de ser um processo que envolve sofrimento, o luto possibilita a superação do trauma e o recomeço da vida. Assim, após fazer emergir a causa do trauma, experienciando a violência e conduzindo-a à consciência, essas mulheres tornam-se novamente desinibidas e livres. Trata-se, portanto, de um trabalho de compreensão, de aceitação, atribuição de sentido e de reconciliação consigo e com o que foi trazido à consciência (Rosa, 2008).

Nos dizeres de Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013, p. 94) “o processo de luto é instalado para a elaboração de uma perda, consistindo no desligamento da libido a cada uma das lembranças e expectativas relacionadas ao objeto perdido, por isso, é considerado um processo lento e penoso”. O luto, portanto, apresenta-se como condição de recuperação e perlaboração. Para Rosa (2008, p. 297), a perlaboração:

(...) diz respeito a um conceito psicanalítico que se refere a uma atividade que permite que o analisando enlutado integre uma interpretação e supere as resistências por ela despertadas (ROUDINESCO, 1998, p. 174). O conceito de perlaboração (Durcharbeitung) foi forjado, em seus primórdios, a partir da prática clínica e visava, portanto, o modo como o sujeito interagia com seu próprio passado, como ele se relacionava com sua própria enfermidade,

(...). Neste contexto, o perlaborar (*durcharbeiten*) mantém os impulsos inconscientes no terreno de um trabalho (*Arbeiten*) de passagem, de travessia (*durch*), de um esforço representativo no qual o analisando reconhece sua ipseidade à possibilidade de distinguir o passado do presente; à possibilidade, no reemprego dos termos de Paul Ricoeur (2007, p. 27), de "reabrir o caminho da memória".

Nesse processo de perlaboração/elaboração da(s) perda(s) decorrente(s) das violências sofridas, as mulheres podem (re)significar suas dores, (re)construir suas vidas e lutar contra aquilo que marca a memória, que reside no inconsciente, uma memória que está esquecida, mas não inativa. Nesse processo, as mulheres "reabrem o caminho da memória", conforme afirma Ricoeur (2007), e uma experiência de (re)significações possibilita lutar contra o que marca a memória traumática, a memória ferida.

Assim, a perlaboração, como trabalho de luto, mostra o caminho para opor-se às resistências do recalque. Nesse processo de perlaboração, que permite reconhecer o dano, confrontar e compreender o trauma de uma violência passada é fundamental testemunhar e narrar o sofrimento. Deste modo, a perlaboração/elaboração, como "trabalho de luto", conforme os dizeres de Ricoeur (2007), aponta o caminho para opor-se às resistências do recalque, "oposição à força que leva à repetição compulsiva, dando perspectiva a tal experiência, reconstituindo a distância crítica com o presente para sua orientação prática" (Rosa, 2008, p. 298).

Esse processo de perlaboração/elaboração, portanto, permite a essas mulheres estabelecerem uma ligação, transformando uma energia livre em uma energia ligada, permitindo com isso, a constituição de um adulto equilibrado e capaz de pensar sobre os fatos traumáticos.

Expor publicamente o trauma sofrido no passado, (re)construído pelo testemunho a partir da percepção, necessidades e experiências do momento presente, permite atribuir um novo significado a esse passado marcado pela violência, especialmente quando a experiência é compartilhada em grupo. Isso faz com que haja uma repercussão na memória coletiva, recriando nas demais mulheres, outro sentimento com relação ao passado. Passam a compreender que não são culpadas pela violência conjugal vivida, mas vítimas dela.

Ao narrarem e testemunharem as violências sofridas, permitindo que outras mulheres compartilhem e participem de suas dores passadas, a percepção desses traumas amplia a compreensão social a respeito do fato e forma uma cadeia de solidariedade que fornece e fomenta caminhos para a responsabilidade social e a ação política. Vivenciar o trauma, perlaborá-lo/elaborá-lo, narrá-lo, constitui-se tanto como um processo social representativo quanto um trabalho de memória que expõe a angústia e as dores vivenciadas para o grupo (mulheres vítimas de violência conjugal), bem como deixa evidente quem é a vítima e quem é o agressor responsável pela violência praticada.

A narrativa, como mediadora da memória, conforme afirma Ricoeur (2007, p. 455), “comporta necessariamente uma dimensão seletiva”, uma vez que, “assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”. Ela constitui-se como um ponto fundamental para a perlaboração/elaboração das violências vividas, uma vez que servirá como mediadora para o processo de ressignificação dos traumas, possibilitando a superação das perdas e a reconciliação com as memórias decorrentes da violência.

Nesse processo de perlaboração/elaboração por meio das narrativas, as vítimas da violência dizem a si mesmas “sim, isto aconteceu comigo no passado. Foi desolador, avassalador, talvez eu não possa me separar completamente disto, mas eu existo aqui e agora, e isto é diferente do que aconteceu” (La Capra, 2001, p. 144).

Perlaborar/elaborar não significa que o passado será esquecido, mas que será reconhecido o dano, confrontado e compreendido o trauma da violência sofrida, a fim de que seja possível orientar-se no presente e em direção ao futuro. Para Rosa (2008, p.299):

É assim que o excesso de memória provocado pelo trauma – excesso quando da fixação no passado, fixação que lembra a compulsão à repetição, ou quando da “paralisia coletiva induzida pela vergonha e pela culpa sobre os delitos do passado que impedem a mudança política progressiva” (BLUSTEIN, 2008, p.17) – exige que a perlaboração, que um trabalho de simbolização, que um trabalho de representação da perda mediante o luto se faça presente.

Por meio dessas narrativas as mulheres vítimas de violência conjugal lembram o passado para dizê-lo e assumirem suas dores como parte do processo de superação destas. Vivenciar o luto, testemunhar e narrar as violências sofridas é parte importante da superação do trauma, mas não constitui um fim em si mesmo. A superação das violências sofridas por essas mulheres perpassa por outros elementos, quais sejam: a reparação material das vítimas, a responsabilização dos culpados e a punição efetiva a que serão submetidos.

Nesse sentido, Pinheiro, Chaves e Ferraz afirmam (2009, pág. 8):

O testemunho do trauma não pode ser um fim nele mesmo. Afinal, além do reconhecimento das violações aos direitos humanos, três outros elementos integram uma superação possível do passado: a reparação material às vítimas, a responsabilidade, ou seja, a identificação dos culpados e a decisão pública sobre o tratamento a que os mesmos fazem jus (DAVIDOVITCH, 2008, p. 50). Não há perdão se não houver a possibilidade da efetiva punição. Todavia, sem perder a dimensão da justiça, o ato de se empossar na narrativa pessoal, de enfrentar o trauma daquilo que é incomunicável, ainda que dizível, é instrumento essencial para reconstruir o passado, ressignificando-o a partir das demandas postas pelo presente, demandas que, por consequência, se prezam à reorientação de um novo futuro.

Assim, a perlaboração/elaboração do trauma oriundo das práticas de violência conjugal, realizado a partir das narrativas, pode ser compreendida como “uma estratégia cultural de superação [de destigmatização] das consequências perturbadoras das experiências traumáticas” (Rüsen, 2009, p.195-199)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas das mulheres vítimas de violência conjugal, como parte do processo de perlaboração/elaboração, contam o que é preciso lembrar para não esquecer de si. É por meio dessa relação dialógica com as memórias da violência passada, que habitam no inconsciente, e da resignificação solidária ocorrida com outras vítimas, que as feridas são articuladas, compartilhadas, compreendidas. É necessário que nesse processo, as mulheres se percebam como vítimas da violência sofrida, reafirmem suas identidades e se percebam como sujeitos capazes de se emanciparem, de reconstruírem suas histórias e capazes de gerar pulsão de vida, mobilizando forças para crescer e fazer mais em suas ações e pensamentos.

Não é possível anular o passado, mas é possível, por meio do recordar, repetir e perlaborar/elaborar (Freud, 1914), construir o novo. Esse processo “permite com que o passado, presente e futuro possam ter uma maior integração, ao abrir espaço para a restauração do que já foi vivido mas ficou danificado, e para a construção inesgotável dos elementos que formam um ser humano mais pleno” (Levinzon, 2010, p.162). Ao invés de se buscar a vingança, de promover o aumento do ódio, da melancolia e de nutrir afetos negativos, o trabalho de luto, exercido por meio do trabalho de memória, permite elaborar para superar definitivamente as feridas do passado.

Olhar para o passado, quase que imutável, elaborá-lo e conseguir narrá-lo, possibilita enxergar um futuro e seguir em frente. Assim, as narrativas dessas mulheres vítimas de violência, tornam-se necessárias, uma vez que possibilitam a reconciliação consigo mesmas a partir da elaboração e da resignificação dos traumas vividos, bem como a abertura de perspectivas futuras que, após um longo e doloroso trabalho sobre as feridas do passado, transformam as memórias traumáticas em memórias livres.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. **O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein.** Psicólogo informação. Ano 17, n, 17 jan./dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v17n17/v17n17a07.pdf> Acesso em: 02/11/2022.

CUNHA, T. R. de A. **O Preço do Silêncio: mulheres ricas também sofrem violência.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

FREUD, S. (1980). **Recordar, repetir e elaborar** (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 90-97). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-12-1911-1913.pdf> Acesso em: 19/09/2022.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917). In: MITSCHERLICH, Alexander; RICHARDS, Ângela; STRACHEY, James (organizadores). **Palestras sobre a introdução à psicanálise e novos episódios** (Volume I). Frankfurt: S. Fischer Verlag GmbH, 1969.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

LACAPRA, D. **Writing history, writing trauma**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2001.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise / Laplanche e Pontalis**; sob a direção de Daniel Lagache; [tradução Pedro Tamen]. — São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEVINZON, G. K. **Recordar, repetir, elaborar e construir**: a busca do objeto materno na análise de uma menina adotada. Rev. bras. psicanál, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 155-164, 2010 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000400014&lng=pt&nrm=iso . acessos em 05 nov. 2022.

PINHEIRO, D. A. R.; CHAVES, I. P.; FERRAZ, J. D. **Narrativa e superação do trauma**: a memória de mulheres vítimas de violência doméstica. V Encontro Anual da ANDHEP - Direitos Humanos, Democracia e Diversidade. 2009. Disponível em: <http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/Vencontro/gt7/gt07p04.pdf> . Acesso em 01/02/2022.

RICOEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROSA, J. R. **Trauma, história e luto**: a perlaboração da violência. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 289 - 327, jul./set. 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310252018289> . Acesso em: 01/02/2022.

RÜSEN, J. **Como dar sentido ao passado**: questões relevantes de meta-história. História da historiografia, n.02, p.163-209, 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12/12> Acesso em 02/11/2022.